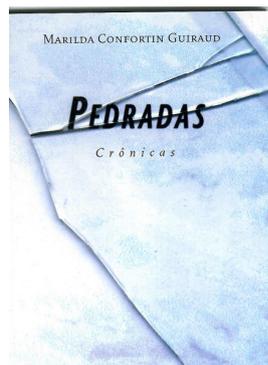


# PROSAPOEMA

## UM BRINDE

**Autoria: Marilda Confortin**

**Publicado no livro Pedradas  
Editora Santa Mônica  
Curitiba – Paraná - Brasil  
2002**



## UM BRINDE

*“Se as águas do mar, fossem tinta  
As ondas, papel pautado  
Os peixes, escrivãos  
Desses mares afamados  
Nem assim descreveriam  
Os pileques que tenho tomado”  
( Tio Renato Palma)*

Tio Renato era um gaúcho exagerado.

Habilidoso com as palavras, tudo podia ser aumentado ou diminuído conforme sua vontade, como no poema acima e nesse outro:

*“Recurva-se o céu em cima,  
qual vasta cerúlea tampa.  
Embaixo, o açude parece,  
uma gota de orvalho no pampa”.*

Despenteava as enormes sobranceiras e me assustava fingindo ser Brizola. Era um poeta anônimo. Incompreendido e desajustado como são todos os poetas.

Eu devia ter um seis ou sete anos, quando me pegou no colo e cantou pela primeira vez uma poesia de ninar. O significado das palavras aprendi com o tempo, mas, o barulho que a poesia fez na minha cabeça até hoje eu não compreendo. E é claro que não dormi. Noite seguinte, pedi:

- Tio, canta de novo *“ora direis ouvir estrelas”*.

Riu e disse que não era música. Era poesia.

- É o quê? Poesia? E essa tal de poesia não é aquilo que sai da boca quando se declama uma música?

Novas explicações e mais dúvidas.

- Mas tio, olha: *“Deus ó Deus onde estás que não respondes em que mundo, em que estrela tu te escondes embaçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito, que embalde desde então corre o infinito. Onde estás, senhor Deus?”* Eu declamei uma oração, recitei uma música ou cantei uma poesia? O que é embaçado? Por que ele gritou dentro do balde?

Mais explicações e nada de eu dormir.

- Tio, o violão sabe se tocar sozinho? Tio, como se fala as notas musicais em francês? Tio, você entende a letra da música que o galo canta? Tio, quem não sabe escrever pode ser poeta lá dentro da cabeça? E os que não podem falar? E os cegos? Tio, declama uma poesia em esperanto prá ver se faz o mesmo barulho. Tio, música é prá dormir e poesia é prá acordar? Tio...

Eu era uma pentelha e ele um homem muito sábio e sensível. Encontrou uma explicação para todas as minhas dúvidas. Disse-me que poesia é arte. E arte é como aquela coceirinha nas costas. Pode dar em qualquer um. Os artistas coçam-se explicitamente e produzem um remédio que é vendido nas livrarias, casas de discos, galerias de arte, etc. Os que sentem a coceira e não querem ou não sabem se coçar, compram o remédio pronto.

No velório do tio Renato, até minha mãe, a santa Sunta, irmã dele há mais de oitenta anos, tomou um porre e cantou em sua homenagem. Eu, longe de casa, também tomei e cantei a todo volume sua música preferida: *“Sul mare luccica, l’astro d’argento, placida e l’onda, prospero il vento. Venite all’agile, barchettamia, Santa Lucia, Santa Lucia. Con questo zeffiro, coci soave, Oh! come e bello, star sulla nave. Su passeggeri venite via, Santa Lucia, Santa Lucia. Oh! dolce Napoli, oh! suol beato. Ove sorridere, volle il creato. Tu sei l’impero, dell’armonia, Santa Lucia, Santa Lucia. Tu sei l’impero, dell’armonia, Santa Lucia, SANTAAAAA LUCIA”*.

E também lhe fiz um poema. O esperto deve ter mexido os pauzinhos lá em cima, trocando figurinhas com outro grande poeta do sul, pois o poema que lhe fiz, foi classificado no concurso nacional Lindolfo Bell, em Timbó - SC.

E como não resisto uma coceirinha nas costas nem nas mãos, lá vai poesia:

### **UM BRINDE, TIO !**

Poesia é uma Flor Bela que Espanca,  
fere, maltrata.

Poesia quando ataca provoca cirrose,  
divórcio, neurose, taquicardia.

Poesia mata!

Por isso, os melhores poetas estão mortos.

Por isso, os poetas vivos são tão tortos.

Só loucos, vivem a poesia em sua essência.

Em sã consciência, a hipocrisia desta vida é insalubre.  
    arde feito urtiga e é mais fria  
do que a vodka Maiakowski que te consumia.

Por isso eu ergo essa taça e brindo:

    A todos os malditos poetas,  
    seres vis, errados, viscerados,  
    citados, anônimos ou abominados  
que rabiscam e recitam seus manuscritos  
    nos botecos, puteiros, saraus e feiras  
    livres prisioneiros da poesia.

    Aos benditos que publicam e são lidos  
e aos ficam empoeirados, empoleirados nas prateleiras  
    criando teia, esperando que um dia alguém os leia.

    Aos que travestem a poesia com barro, tinta,  
efeitos, acordes musicais e cantam pelos bares da vida,  
    sem ser ouvidos.

    Um brinde aos que partem cedo,  
com medo de ver suas almas dissecadas por críticos estúpidos.

Poesia é de quem precisa dela, já dizia Neruda.

    Se você não precisa,  
    não leia, não ouça, não toque!  
    Ela é como um feto:  
    precisa do calor de um útero  
e não do frio bisturi de um obstetra.

    E agora eu ergo outro brinde, tio:  
A todos aqueles que atuam à luz do dia,  
    nesse imenso palco,  
de paletó, gravata, saia justa, salto alto,  
e esperam impacientes a aposentadoria  
para enfim, revelar seu amor pela poesia.

    A todos aqueles que entraram na fila errada  
e estão neste mundo por engano,  
    só para diversão dos deuses.

Não escrevem, não cantam,  
não esculpem nem declamam.  
Só sentem, amam e acolhem  
anonimamente a poesia em seus ventres.

**Um brinde a todos os recipientes!**

**Marilda Confortin**